

# Orientações Pedagógicas

Propaganda, Tira e Charge

1º Ano | 3º Bimestre | 2º Ciclo



## Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede e links que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão, e com frequência está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

### O que ensinar?

- **Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.**

### Por que ensinar?

- **Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.**



## Condições prévias para aprender

- Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.

## Como ensinar?

- Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e links que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.

## Como avaliar?

- Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.



## O que ensinar?

### Leitura

- Identificar o humor presente na tira e na charge.
- Identificar as figuras de linguagem, como hipérbole, metáfora e ironia, que produzem efeito humorístico.

- Identificar a relação, presente na charge, entre o texto e o contexto político, histórico e social.
- Caracterizar a situação polêmica e a ideologia subjacentes aos textos do gênero.
- Reconhecer a presença de estereótipos e clichês sociais
- Reconhecer estratégias de convencimento do público presentes no texto verbal ou não (intimidação, sedução, comoção etc).

## Uso da língua

- Reconhecer a função conativa da linguagem.
- Perceber a relação entre significado e significante na denotação e na conotação.
- Reconhecer a estrutura do sintagma nominal e as particularidades de seus constituintes.

## Produção textual

- Produzir uma propaganda de um produto que pessoas da turma possam oferecer (produtos de segunda mão, serviços etc.).
- Produzir uma tira ou charge sobre notícia lida ou ouvida em jornal.

## Por que ensinar?

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos<sup>1</sup>.

Em recusa à fragmentação de conteúdos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) concebem o texto como unidade básica de significação e como objeto central no processo de ensino-aprendizagem. Ao propor um trabalho interdisciplinar e contextualizado dos fenômenos

<sup>1</sup> BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**. Parte II: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 1999. p.18.

da linguagem, os PCN deslocam a disciplina Língua Portuguesa de sua perspectiva tradicional – centrada na gramática normativa – para uma abordagem que prioriza a leitura e a produção de textos (orais e escritos), contemplando ações que buscam desenvolver a autonomia dos alunos e que os instrumentalizam para práticas cidadãs.

Todavia, décadas após a publicação dessas diretrizes teórico-metodológicas, os alunos ainda apresentam significativa limitação na (re)significação de concretizações textuais. Tal fato pode ser comprovado por diferentes exames nacionais, como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). O SAEB é um dos dados utilizados para calcular o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, no qual os alunos da 3ª série do Ensino Médio alcançaram, em 2009, 3,3 pontos de média de proficiência em Língua Portuguesa – numa escala de 0 a 10. Uma vez que a avaliação do SAEB focaliza a leitura, os resultados obtidos podem demonstrar a dificuldade dos alunos em “apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação”<sup>2</sup>.

Diante disso, o Currículo Mínimo de Língua Portuguesa e Literatura aponta o trabalho com *propagandas, tiras e charges* como um caminho profícuo para a ampliação da competência e das habilidades linguísticas dos alunos. Dentre as inúmeras motivações para esse estudo, destacam-se: i) a identificação do alunado com esses gêneros, ii) a articulação de representações verbais e não-verbais que constitui tais manifestações discursivas, iii) a possibilidade de, por meio dos três gêneros enfocados, compreender-se a construção da argumentação e iv) a importância de se relacionar tais textos ao contexto sócio-econômico em que nos inserimos.

Antes de tudo, as propagandas, as tiras e as charges representam fonte de prazer/diversão. Isso porque tais gêneros (em especial, os dois últimos), visando ao humor e à crítica social, possibilitam a fruição da imaginação: problematizam o real e/ou transmitem valores por intermédio de representações icônicas que, em geral, evocam diferentes interpretações. Além disso, a velocidade com que podem ser processados – visto que se constroem, predominantemente, por elementos não-verbais – faz com que tais textos sejam compreendidos como uma “leitura rápida”, o que, considerando nossa dinâmica social, também parece contribuir para o prestígio que possuem. Logo, a análise de textos que se inserem nesses gêneros discursivos pode consistir em uma estratégia para desenvolver/ampliar o prazer pela leitura.

<sup>2</sup> Cf. Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/saeb\\_matriz2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/saeb_matriz2.pdf).

Em segundo lugar, associar imagens a sequências verbais demanda uma considerável habilidade de interpretação, também exigida na significação de outros inúmeros gêneros. Desse modo, na leitura de propagandas, tiras e charges, os alunos, além de estarem em permanente contato com o grafismo próprio dessas artes, são levados a identificar e a compreender diferentes estratégias de organização textual, relacionando as representações imagéticas aos mecanismos linguísticos de coesão e coerência.

Outra justificativa para o trabalho com esses três gêneros é o fato de veicularem, de maneira mais explícita, o ponto de vista do seu autor; ilustram, pois, a função apelativa da linguagem, consistindo em um instrumento para a compreensão de diferentes estratégias de persuasão. Assim, ao “caracterizar a situação polêmica e a ideologia subjacentes aos textos do gênero”, por exemplo, o aluno é levado a reconhecer a orientação argumentativa do texto e o discurso ideológico de seu autor.

Finalmente, se esses gêneros se estruturam por um movimento de interlocução com outros textos, apresentando, em sua organização, diferentes discursos, que se imbricam e/ou se contrapõem, as atividades de leitura e de produção desenvolvidas a partir desses textos podem contribuir para que os discentes assumam a sua voz social e, desse modo, exerçam sua cidadania. Nesse sentido, para “identificar a relação, presente na charge, entre o texto e o contexto político, histórico e social”, por exemplo, eles, necessariamente, ativam e ampliam seu conhecimento de mundo, tomando ciência de fatos ou temas recentes.

Portanto, o trabalho com as propagandas, as tiras e as charges no desenvolvimento das habilidades de interação social não se esgota em uma atividade lúdica ou na identificação de relações entre signos e ícones: representa também um caminho para compreender como, por diferentes linguagens, constroem-se e legitimam-se ideologias, concretizando um dizer, uma percepção sobre o mundo.

Em detrimento da imposição de normas linguísticas ou de nomenclaturas gramaticais, o estudo dos três gêneros focalizados neste 3º bimestre objetiva a ampliação da capacidade de, pela língua, interagir socialmente de diferentes formas e com distintos propósitos enunciativos. Tais textos consistem, portanto, em importantes ferramentas no desenvolvimento de leitores críticos; afinal:

É preciso considerar que, mesmo em países com regimes democráticos, em que a educação é um direito e a imprensa é livre, ainda estamos sujeito às manipulações políticas e ideológicas e, como a mídia ocupa um papel importante na formação da opinião pública, cabe à escola o papel de promover a consciência crítica dos alunos diante dos acontecimentos políticos e sociais noticiados na mídia<sup>3</sup>.

## Condições prévias para aprender

Se, no processamento textual, ativam-se diferentes estratégias sócio-cognitivas, o processo de leitura ultrapassa a mera decodificação de informações<sup>4</sup>. O texto, portanto, inclui uma parte explícita e outra implícita, e o sentido decorre da interação autor-texto-leitor. O locutor define sua intenção comunicativa e, através dos recursos linguísticos, aponta caminhos de reconstrução do sentido global do texto. As unidades linguísticas formam um todo significativo e, articuladas, possibilitam a significação do texto. Ao mesmo tempo, o interlocutor traz suas experiências pessoais, suas expectativas, seus conhecimentos linguísticos, contextuais e intertextuais, (re)construindo o discurso. O sentido é, portanto, uma construção intersubjetiva mediada pela linguagem.

Nessa perspectiva, um pré-requisito básico para o aprendizado é a capacidade de ultrapassar a decodificação de um enunciado. Pelo reconhecimento das estruturas linguísticas, o aluno deve ser capaz de inferir significados e ajustá-los à realidade contextual. Assim, poderá depreender e reproduzir criticamente os textos lidos.

No que concerne à leitura e à produção de propagandas, tiras e charges, a fim de, por exemplo, “reconhecer a presença de estereótipos e clichês sociais”, é necessário que, previamente, os discentes entendam que os desenhos, assim como as palavras, não apontam, diretamente, as coisas do mundo, mas evocam conceitos, vinculados à situação comunicativa

<sup>3</sup> BRESSANIN, Alexandra. **Gênero charge na sala de aula: o sabor do texto**. Disponível em: [www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/8.pdf](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/8.pdf). p. 506.

<sup>4</sup> Cf. KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2009.



e ao propósito discursivo do autor. Logo, compreender, ainda que implicitamente, a estruturação dicotômica do signo linguístico (*significado e significante*) e a função icônica de ilustrações é fundamental para que se verifique como, em determinado texto, essas linguagens veiculam uma imagem possível do real.

Paralelamente, nas atividades de produção de propagandas, tiras e charges, é vital que, a partir da intervenção docente, o aluno já tenha observado e apreendido as marcas formais de cada um desses gêneros discursivos e, sobretudo, sua função social, compreendendo-os como meios de auscultar as transformações políticas, econômicas e culturais. É importante, portanto, explicitar que a construção de um texto é uma reflexão/discussão acerca da trajetória humana e dos valores de cada época.

## Como ensinar?

Não nasci, porém, marcado para ser um professor assim. Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos, na leitura persistente, crítica de textos teóricos, não importa se com eles estava de acordo ou não. [...]

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte<sup>5</sup> [grifo do autor].

A citação em destaque ressalta o fato de o trabalho docente exigir um contínuo processo de aprendizado e formação. Nesse sentido, o professor não é concebido como detentor de um talento ou de uma vocação que o exime da reflexão acerca de sua própria prática; ao contrário, ele é instigado à constante crítica sobre suas escolhas teórico-metodológicas, a fim de que possa concretizar, junto aos alunos, práticas pedagógicas profícuas, resignificando o conteúdo da sala de aula e, conseqüentemente, o espaço escolar.

Pensar criticamente a prática docente é, pois, uma ação dialógica, que pode ser desenvolvida, em grande parte, pelo estudo de diferentes publicações. Se “A prática precisa da teoria

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo. Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos. In: \_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época ; v.23). p. 43.

como a teoria precisa da prática<sup>6</sup>. Apropriação de textos teóricos pode contribuir para o aprofundamento dos conteúdos que estruturam as disciplinas, para a reflexão acerca do material utilizado na dinâmica de ensino-aprendizagem, para a elaboração de instrumentos didáticos produtivos e, assim, para o rompimento com a mera repetição de práticas tradicionais.

Portanto, nós, professores, – mesmo frente a limitações de tempo – somos desafiados a investir em nossa formação, buscando novas estratégias de mediação do conhecimento. Desse modo, seguem, abaixo, referências bibliográficas que podem servir como base para a construção de um Roteiro de Atividades próprio: a partir das fontes indicadas e do modelo fornecido, esperamos que, no trabalho com propagandas, tiras e charges, você construa novas ferramentas didáticas, adequadas à realidade de seus alunos e aos objetivos de sua Comunidade Escolar.

## Livros teóricos

- HIGUCHI, Kazuko Kojima. Super-Homem, Mônica & Cia. In.: CITELLI, Adilson (coord.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 125-154.

Este capítulo apresenta um histórico das histórias em quadrinhos (HQ), a partir do qual se caracteriza a HQ como um meio de afirmação do nacionalismo. O texto também relaciona obras do gênero a diferentes produções literárias. Além disso, descreve marcas do desenho humorístico e do texto icônico. Relaciona-se ao descritor: “produzir uma tira ou charge sobre notícia lida ou ouvida em jornal”.

- GOMES, Regina de Souza. O verbal e o visual na linguagem da mídia impressa. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (org.). **Linguagem, conhecimento e aplicação**. Rio de Janeiro: Europa, 2003. p. 277-285.

Embora focalize o papel da fotografia na mídia impressa e o valor da sua mensagem, o artigo também aborda a importância que o binômio palavra-imagem assume no processo de leitura e construção de textos. A análise dos textos selecionados como

<sup>6</sup> Op. cit. p. 42.

“corpus” contribui, assim, para a compreensão de como diferentes semioses se imbricam na construção textual. Relaciona-se ao descritor: “produzir uma propaganda de um produto que pessoas da turma possam oferecer (produtos de segunda-mão, serviços etc.)”.

- JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In.: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 118-162.

Após discutir os limites entre a Linguística e a Poética, o capítulo propõe um modelo estrutural para o processo de comunicação. Assim, Jakobson descreve os seis fatores (elementos) da comunicação e, a partir disso, individualiza as funções da linguagem que os focalizam. Como uma ampliação do estudo de Karl Bühler (psicólogo alemão), Jakobson pontua os mecanismos associados às seis funções da linguagem, dentre as quais se inserem a função conativa, centrada no locutor, e a função poética, marcada pelas relações similaridade e equivalência, que estruturam construções metafóricas. Relaciona-se aos descritores: “reconhecer a função conativa da linguagem” e “identificar figuras de linguagem como hipérbole, metáfora e ironia, que produzem efeito humorístico”.

- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: A leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

O livro apresenta questões relativas às intervenções midiáticas. O capítulo 9, “A intermediação do jornal” (p. 137-158), trata das relações entre recursos virtuais e não-virtuais. Demonstra, ainda, como a leitura no mundo da publicidade representa um elemento agregador de sentido às práticas de leitura na escola. Aponta, dessa maneira, caminhos para a construção de práticas de escrita. Relaciona-se ao descritor: “produzir uma tira ou charge sobre notícia lida ou ouvida em jornal”.

- MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. In.: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-32.

Ultrapassando a descrição aristotélica segundo a qual o “ethos” consistiria na habilidade (técnica, arte) do orador, a obra concebe o termo como uma imagem do sujeito discursivo, construída por meio do próprio enunciado. Nesse sentido, o “ethos” representa a maneira como o enunciador, manipulando as formas linguísticas, se mostra pelo texto. Partindo do pressuposto de que o ato enunciativo consiste em uma encenação, em que os atores sociais buscam persuadir uns aos outros, o artigo caracteriza o “ethos” como uma forma de legitimação das posições dos enunciadores e, assim, como uma estratégia de persuasão. Analisando propagandas, o autor demonstra como essas representações dos sujeitos discursivos são condicionadas (i) pela própria cena discursiva, que define seus papéis, e (ii) pelo propósito discursivo do enunciador. Relaciona-se aos descritores: “reconhecer estratégias de convencimento do público presentes no texto verbal ou não (intimidação, sedução, comoção etc)” e “reconhecer a presença de estereótipos e clichês sociais”.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo (2008). Funções da linguagem. In.: \_\_\_\_\_ (org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 31-36.

Em uma exposição didática, o autor apresenta o modelo tradicional de comunicação, proposto por Jakobson. Assim como os demais textos que compõem o livro, o artigo destina-se, principalmente, a alunos de graduação em Letras e, por isso, apresenta exercícios de fixação, que podem ser adaptados às salas de aula do Ensino Médio. Relaciona-se ao descritor: “reconhecer a função conativa da linguagem”.

- Mesa-redonda com Ique e Aroeira. O processo de criação das charges. In: AZEREDO, José Carlos (org.). **Letras e comunicação: Uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 151-171.

A entrevista do prof. André Valente com os cartunistas Ique e Aroeira, no V Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ/2000, destaca o processo de criação das charges e

sua função social. Relaciona-se aos descritores: “caracterizar a situação polêmica e a ideologia subjacentes aos textos do gênero” e “produzir uma tira ou charge sobre notícia lida ou ouvida em jornal”.

- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. A linguagem não-verbal no texto escrito: da apropriação da imagem pela palavra. In: AZEREDO, José Carlos (org.). **Letras e comunicação: Uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 257-264.

O capítulo explora a construção de sentidos pela linguagem não-verbal, destacando sua importância na construção dos textos. Relaciona-se aos descritores: “caracterizar a situação polêmica e a ideologia subjacentes aos textos do gênero”; “reconhecer a presença de estereótipos e clichês sociais” e “reconhecer estratégias de convencimento do público presentes no texto verbal ou não (intimidação, sedução, comoção etc.)”.

- RAMA, Angela; RAMOS, Paulo; BARBOSA, Alexandre; WERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

O livro aborda as várias possibilidades de uso das HQ em situação de sala de aula; orienta tanto o desenvolvimento de atividades de leitura quanto a avaliação da produção textual dos alunos. Relaciona-se aos descritores: “caracterizar a situação polêmica e ideologia subjacentes aos textos do gênero”; “reconhecer a presença de estereótipos e clichês sociais”.

- VALENTE, André. Aspectos semânticos em charges e cartuns. In: AZEREDO, José Carlos (org.). **Letras e comunicação: Uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 138-150.

O capítulo apresenta um estudo teórico sobre os cinco aspectos semânticos – polissemia, homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia – aplicados a charges e cartuns presentes em jornais e revistas de grande circulação. Relaciona-se aos descritores: “identificar a relação, presente na charge, entre o texto e o contexto político, histórico e social”; “reconhecer estratégias de convencimento do público presentes no texto verbal ou não (intimidação, sedução, comoção etc.)” e “produzir uma tira ou charge sobre notícia lida ou ouvida em jornal”.

- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

O livro explicita os conceitos de língua e de sujeito, além da concepção de texto e de sentido. O capítulo 4, “Os gêneros do discurso” (pp. 53-60), discute questões acerca do estudo dos modelos didáticos e dos diferentes gêneros textuais na escola. O capítulo seguinte, “Texto e hipertexto” (pp. 61-73), trata das noções de “texto”, “hipertexto” e “coerência hipertextual”, caracterizando o leitor como coprodutor do sentido de diversos gêneros textuais, como os anúncios. Relaciona-se aos descritores: “caracterizar a situação polêmica e a ideologia subjacentes aos textos do gênero” e “identificar a relação, presente na charge, entre o texto e o contexto político, histórico e social”.

## **Livros didáticos**

- ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. **Português: Língua, literatura, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2005.

O livro discute, no capítulo 9, “O texto” (pp. 152-161), as diferentes possibilidades de significação de uma unidade textual, privilegiando, nas atividades de leitura, propagandas, tiras e charges. Relaciona-se aos descritores: “caracterizar a situação polêmica e a ideologia subjacentes aos textos do gênero” e “reconhecer a presença de estereótipos e clichês sociais”.

O capítulo 10, “Procedimentos de leitura” (pp. 162-184), aprofunda a discussão sobre a construção do sentido por meio de signos não-verbais, sobretudo nestas duas sessões: “Quando a imagem é um texto”, em que se propõe a análise de gráficos, charges, tiras e propagandas; e “A arte de ‘ler’ o que não foi dito”, na qual se discute as relações semânticas definidas como pressuposição, implicatura, ambiguidade e comparação. Relaciona-se aos descritores: “identificar a relação presente na charge, entre o texto e o contexto político, histórico e social” e “reconhecer estratégias de convencimento do público presentes no texto verbal ou não (intimidação, sedução, comoção etc.)”.

- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva**: texto, semântica e interação. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.  
O capítulo 2, “Comunicação e intencionalidade discursiva” (pp. 20-21), conceitua e exemplifica a função conativa (ou apelativa) da linguagem. Relaciona-se ao descritor: “reconhecer a função conativa da linguagem”.  
Nos capítulos 9 (O substantivo, pp. 106-110), 10 (O adjetivo, pp. 116-124), 11 (O artigo e o numeral, pp. 125-144), 12 (O pronome, pp. 145-155), 21 e 22 (pp. 256-271), há indicações para o estudo dos sintagmas nominais na construção do texto. Relaciona-se ao descritor: “reconhecer a estrutura do sintagma nominal e as particularidades de seus constituintes”.
- TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Práticas de linguagem**: Leitura e produção de textos. Ensino médio. São Paulo: Scipione, 2001.  
A parte 2 do livro trata da linguagem e de suas diferentes funções. O capítulo 8 (p. 122-128) explora a função conativa. Apresenta, ainda, uma relação de exercícios sobre o tema. Relaciona-se ao descritor: “reconhecer a função conativa da linguagem”.
- BARRETO, Ricardo Gonçalves (org.). **Português**: ensino médio, 1º ano. São Paulo: Edições SM, 2010. (Coleção Ser Protagonista).  
O capítulo 20, “Linguagem e sentidos” (pp. 245-247), trata de questões lexicais relacionadas à Semântica, como a polissemia e os sentidos denotativo e conotativo de expressões presentes em tiras, propagandas, entre outros gêneros textuais. Relaciona-se ao descritor: “perceber a relação entre significado e significante na denotação e na conotação”.  
Nesse mesmo capítulo, a sessão “Língua Viva” (pp. 248-249) versa sobre as relações pronominais na estrutura oracional. Relaciona-se ao descritor: “reconhecer a estrutura do sintagma nominal e suas particularidades”.

- CAMPOS, Elizabeth; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva português**: ensino médio. São Paulo: Ática, 2010.

O item “A conotação” (pp. 21-30) aborda o tema que o intitula, a partir de uma análise comparativa entre tiras e textos de outros gêneros, apresentando diferentes exercícios. Sugere, ainda, filmes, livros, sites e músicas – instrumentos capazes de complementar os conteúdos trabalhados. Relaciona-se ao descritor: “perceber a relação entre significado e significante na denotação e na conotação”.

## Links/Vídeos

Assim como aqueles postados em [www.youtube.com](http://www.youtube.com), os vídeos que compõem a série “Palavra puxa palavra” (elaborados pela MultiRio - SME e disponíveis no site da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro) consistem em um material didático e divertido, pois envolvem situações de comunicação do cotidiano.

Outras fontes são os sites “passeiweb” e “infoescola”, os quais, organizados de modo a possibilitar rápido acesso, oferecem vasto material, podendo ser utilizados na fixação de conteúdos.

Os vídeos relacionam-se aos descritores elencados nos eixos Leitura e Uso da Língua.

[http://multirio.rio.rj.gov.br/produtos/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=215&Itemid=38](http://multirio.rio.rj.gov.br/produtos/index.php?option=com_k2&view=item&id=215&Itemid=38)

<http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/cime/index.html>

- Denotação e conotação (3:58)  
<http://www.youtube.com/watch?v=dB66QzAneLQ>
- Função conativa (3:01)  
<http://www.youtube.com/watch?v=9hJR4UQ10mo&feature=related>  
<http://www.youtube.com/watch?v=bmPIWV6wSeA&feature=related>
- Linguagem verbal/não-verbal (5:13)  
<http://www.youtube.com/watch?v=Z-8b6l8Qklc>



- Figuras de Linguagem – hipérbole (5:24)  
<http://www.youtube.com/watch?v=y7Vaz8hMwuE&feature=related>
- Figuras de Linguagem – metáfora (1:15)  
[http://www.youtube.com/watch?v=D3iBl\\_m0St8](http://www.youtube.com/watch?v=D3iBl_m0St8)
- Figuras de Linguagem – hipérbole e ironia (1:58)  
<http://www.youtube.com/watch?v=oClDfKsryds&feature=related>
- Figuras de Linguagem – conceituação de hipérbole, metáfora e ironia.  
[http://www.passeiweb.com/na\\_ponta\\_lingua/sala\\_de\\_aula/portugues/redacao/analise\\_de\\_texto/figuras\\_de\\_linguagem](http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/portugues/redacao/analise_de_texto/figuras_de_linguagem)
- Língua Portuguesa: conceituação de gramática; morfologia; sintaxe; figuras de linguagem; formação de palavras; acordo ortográfico; acordo ortográfico descomplicado.  
<http://www.infoescola.com/portugues/>

## Como avaliar

Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam que o ensino de língua seja desenvolvido a partir da dinâmica *ação – reflexão – ação*. A proposta consiste em conceber diferentes concretizações textuais como base para reflexões linguísticas que podem contribuir para a formação ou ampliação de habilidades necessárias à interpretação e à produção dos gêneros do discurso. Em contato com diferentes textos

de um mesmo gênero, os alunos podem, mais facilmente, identificar marcas formais e, principalmente, a função social que caracteriza cada gênero discursivo. Tal exercício de caráter comparativo-descritivo é, portanto, o que embasa as atividades de produção (ou reescritura) textual. É conhecer o gênero para melhor interpretá-lo e redigir. Nessa perspectiva, as propostas que constituem esta seção retomam, brevemente, a caracterização da propaganda, tira e charge, a fim de apresentar atividades de *Leitura, Uso da língua e Produção textual* que contemplem as especificidades de cada um desses gêneros.

A propaganda pode ser compreendida como uma estratégia de *marketing* que objetiva apresentar determinado produto, serviço ou ideia, explicitando suas vantagens/qualidades. Desse modo, o leitor é seduzido a aceitar o posicionamento do autor e/ou a adquirir um bem material. Considerando que a leitura é um movimento dialético e que todo texto é dotado de intencionalidade, a propaganda se constrói como uma forma de encenação. Ela instaura um *éthos* (uma imagem discursiva) tanto para o enunciador (a voz que apreendemos pelo e no discurso) quanto para o enunciatário (o público-alvo da propaganda), persuadindo-o. Assim, no desenvolvimento de atividades de leitura que tomam como texto base as propagandas, é fundamental que os alunos, pela intervenção do professor, compreendam como as imagens dos sujeitos da enunciação (frequentemente, estereotipadas e, até mesmo, preconceituosas) representam uma importante estratégia de persuasão.

A atuação docente durante a leitura de propagandas também deve incidir sobre as estratégias utilizadas para individualizar o coletivo. Ao se considerar a distância (física) entre os interlocutores, a publicidade busca conferir “a cada um dos receptores do anúncio a ilusão convincente de que a mensagem lhe é particularmente destinada”<sup>7</sup>. Desse modo, uma atividade de leitura produtiva seria

<sup>7</sup> LEGNEAU (1974, p.122) apud FADUL, Bárbara Ferreira. **Campos semânticos e publicidade**: uma perspectiva discursiva. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Letras, 2010, p. 44. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/FadulBF.pdf>

identificar as marcas linguísticas responsáveis pela aproximação/captação, destacando, por exemplo, formas linguísticas recorrentes no discurso de cada público-alvo das propagandas.

Outro estudo interessante seria a observação de que os anúncios publicitários constroem-se, muitas vezes, pela intergenericidade, ou seja, pela aproximação/fusão com outros gêneros, a fim de i) construir paródias, resignificando a estrutura de outros gêneros; ii) atenuar a intenção de persuadir o leitor; e/ou iii) explorar, de maneira lúdica, tais relações<sup>8</sup>. Portanto, analisar, junto aos alunos, propagandas que retomam marcas formais e/ou a função social de diferentes manifestações textuais pode contribuir para que eles compreendam não só o caráter essencialmente intertextual das propagandas mas também a plasticidade (instabilidade) dos gêneros discursivos.

Por sua vez, as histórias em quadrinhos consistem em uma forma de expressão artística que constrói, por meio da justaposição de quadros desenhados, um fluxo narrativo. Dessa maneira, diferentemente da pintura e da escultura, cuja estaticidade “congela” o(s) elemento(s) representado(s), as histórias em quadrinhos – denominação que reúne os gêneros *tira e charge* – pretendem reproduzir movimentos, criando uma sequência temporal. Logo, é fundamental que se sublinhe a importância dos recursos responsáveis pela progressão do texto: tanto os elementos gráficos (como as caricaturas, os balões etc.) como as expressões linguísticas, dentre as quais se destacam os pronomes dêíticos (cf. questão 6 do Roteiro de Atividades) e anafóricos e os advérbios temporais.

Paralelamente, convém observar, nas atividades de leitura, como a grafia dos balões e das letras pode delimitar o conteúdo das falas e representar as emoções dos personagens, caracterizando-os. Ademais, as tiras oferecem uma oportunidade para a análise de marcas da oralidade e sua adequação à situação comunicativa, uma vez

<sup>8</sup> Cf. LAURINDO, Hildenize Andrade. A instabilidade do gênero anúncio publicitário. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et alii (orgs.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. vol.1: gêneros e sequências textuais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 62-81.

que reproduzem a fala, geralmente na representação de diálogos informais (cf. questões 2, 3, 4 e 5 do Roteiro de Atividades). O professor pode, ainda, pedir aos alunos que destaquem as variantes linguísticas que identificam grupos sociais, compará-las à variante padrão e, desse modo, discutir a adequação dessas formas linguísticas a distintos contextos comunicativos.

Outra atividade importante a ser desenvolvida na leitura de tiras e charges é o reconhecimento do modo como, em textos desse gênero, o humor se realiza pelo exagero dos traços e pela síntese dos fatos. Portanto, é fundamental que os discentes compreendam que, pelo riso, o autor pretende encaminhar, até seu ponto de vista, os leitores, tornando-os co-autores dos julgamentos e das críticas à sociedade presentes no texto (cf. questão 1 do Roteiro de Atividades).

Quanto às atividades de produção textual, ressalta-se que, na construção do humor e da ironia, os textos dos alunos podem não apresentar o inusitado e a surpresa. Desse modo, é importante intervir para que a habilidade/sensibilidade artística dos discentes possa ser ampliada, sem, contudo, desestimulá-los com exercícios repetitivos e/ou com imposições formais. Atrelado a isso, cumpre destacar o desenvolvimento da criticidade dos alunos, a ser evidenciada na construção de situações polêmicas, nas pressuposições ou nos valores implícitos presentes em seus textos.

Se, em todo ato comunicativo, os interlocutores sempre têm fins a serem atingidos, pretendendo atuar sobre o outro, obter dele determinadas reações – todo dizer é um fazer, é uma ação social. Nessa perspectiva, queremos acreditar que estas Orientações Pedagógicas, assim como os Roteiros de Atividades propostos para o 3º bimestre do 1º ano do Ensino Médio, poderão servir como motivação para que você, professor, dê vida a novas práticas de leitura e de produção textual, a partir das quais os alunos aprenderão a dominar os próprios instrumentos do conhecimento e, assim, a posicionarem-se criticamente.